

A vaidade dos tapaiúna

Em plena selva do noroeste matogrossense vivem, em total primitivismo, cerca de mil índios do grupo Gê: são os Beíços-de-Pau, assim chamados por usarem um característico pedaço de madeira entre o lábio inferior e a gengiva.

Apesar de considerados os mais guerreiros e feroces da região, os beíços-de-pau já não parecem tão hostis. Pelo menos, é o que se constata, agora, através de Tariri, de 17 anos, e de Kairá, de 13, dois beíços-de-pau que no Rio de Janeiro tiveram constantes manifestações de surpresa, contentamento ou medo ante quase tudo que viam.



Tariri, assim como o seu companheiro Kairá, orgulha-se de seus adereços embelezadores, tal como os demais índios da tribo dos beíços-de-pau

Após um mês de contatos mais ou menos amistosos com os índios beíços-de-pau, João Américo Peret, sertanista da Fundação Nacional de Assistência ao Índio (FUNAI), conseguiu finalmente visitar uma das 11 aldeias da tribo. Essa taba dista apenas 15 quilômetros do local de acampamento da expedição pacificadora da FUNAI, porém, entranhada na selva.

Designado pela Fundação Nacional de Assistência ao Índio, João Américo Peret seguiu para Cuiabá, capital do Mato Grosso, onde organizou a expedição à frente da qual tentara travar contatos com os beíços-de-pau. Dele participaram o etnólogo e missionário alemão Fritz Dostorf, como primeiro auxiliar, um operador de rádio, um enfermeiro, cinco mateiros, a mulher e a filha de um destes, seis jornalistas brasileiros e um francês, além do sertanista-chefe.

A expedição cobriu cerca de 660 quilômetros de Cuiabá às margens do rio Arinos, utilizando todos os meios disponíveis para penetração. Aqui e acolá deixavam o barco a motor, os cavalos e as canoas e empreendiam grandes caminhadas pela selva. Na bagagem levavam os tradicionais presentes: espelhinhos apitos, e bonecos — coisas que os índios tanto gostam —, além de ferramenta agrícola e doses de vacinas contra tuberculose, sarampo e coqueluche.

DIAS DE CURIOSIDADE

Peret montou o "acampamento base" na antiga e já quase abandonada fazenda ABC, nas proximidades dos rios Tomé de França e Miguel de Castro. Essa é a região onde os beíços-de-pau costumam vagar, caçar e pescar, em certas épocas do ano, para espanto de caçadores e garimpeiros.

Nas quatro barracas do acampamento, os componentes da "operação beíços-de-pau" esperaram cautelosamente, durante dias e noites, o aparecimento dos primeiros índios. Finalmente três deles surgiram, desconfiados. Receberam alguns presentes e logo desapareceram floresta a dentro.

Contatos dessa natureza começaram a se verificar quase diariamente. Rápidos, furtivos. "Dias depois", contam os repórteres, "curiosidade a nosso respeito não teve mais limites". Examinavam a todos como se fossem animais estranhos num zoológico. "Sua atenção", explicam os rapazes, "se concentrava principalmente em nosso corpo pois estranhavam muito a existência de pelos, coisa que eles não

têm." E acrescentam: "Como estamos vestidos, não sabem distinguir o nosso sexo."

TAPAIÚNA AO NATURAL

Em um milhão e duzentos mil hectares de terra, vivem, hoje, dez centenas de beíços-de-pau ou tapaiúna. Dos seus hábitos exóticos, além da antropofagia — vez por outra recorrem à carne humana como alimento — o que mais impressiona, à primeira vista, é o uso de adereços nos lábios (os homens) e nas orelhas (as mulheres).

Isolados totalmente em sua área, esses indígenas falam uma língua, ainda não catalogada nos grupos linguísticos dos índios brasileiros. Os sons essencialmente guturais no falar desses índios demonstram claramente que eles usam a linguagem falada há relativamente pouco tempo. Sua cultura, de um modo geral, é apenas um pouco mais avançada do que aquela que os cientistas atribuem ter existido na fase neolítica ou da pedra polida. Em nenhuma de suas armas — arco, flecha, machado (de pedra) — bem como instrumentos agrícolas usam qualquer metal.

Altos, de pele cor de bronze, olhos e cabelos (licos) muito pretos e luzídios, os beíços-de-pau, mesmo com o enorme disco de madeira enfiado no lábio inferior (um belo adorno para eles), são de uma beleza comparável à de certos tipos morenos entre os civilizados.

Subsistem pela caça, pesca e plantio da mandioca. Em busca de alimentação, às vezes, percorrem grandes distâncias. Chegam mesmo a se afastarem centenas de quilômetros de suas aldeias. Mulheres e crianças participam, juntamente com os homens, das caçadas e pescarias tudo feito com arco e flecha. E para que as crianças de colo não atrapalhem as mães, estas as colocam às costas presas por uma faixa de esteira.

SE NECESSÁRIO FOR

Seringueiros, caçadores e outras pessoas que de algum modo se aproximam ocasionalmente do território dos beíços-de-pau afirmam com aparente convicção que esses índios comem a carne de qualquer animal e que, não seriam avessos ao canibalismo.

A esse respeito contam os repórteres da expedição que um casal de índios se aproximou de um deles e, "depois de apalpar-lhe o estômago, indicou por gestos muito claros que aquilo deveria ser boa comida".

Mas o indianista Dostorf tem opinião diferente.

"É difícil acreditar," comenta ele, "que esses índios saiam propositadamente à procura de homens brancos para comer-lhe a carne". Mas admite que, "quando com muita fome e sem outro alimento, se encontram alguém morto na floresta ou um inimigo eventual ou suposto", o beíço-de-pau se aventure a um repasto de carne humana.

REMEDIAR OS MALES

Nem sempre os beíços-de-pau foram hostis. A sua agressividade em contato com o branco resulta de uma série de incidentes verificados há alguns anos, sobretudo, por abusos de seringueiros e aventureiros ambiciosos.

Há cerca de 15 anos, por exemplo, capangas do fazendeiro Benedito Bruno, ex-Prefeito do município matogrossense de Diamantina, deram aos beíços-de-pau açúcar misturado com arsênico. Morreram muitos índios — homens, mulheres e, sobretudo, crianças. Os beíços-de-pau sobreviventes passaram a nutrir uma desconfiança acentuada e natural em relação aos civilizados. Mas depois de tanto tempo esse sentimento parece estar desaparecendo.

Segundo Peret, o verdadeiro objetivo de sua expedição não é o de pacificar os Beíços-de-Pau, já que eles nunca estiveram em guerra. O que acontece é que os índios habitam extensa área que tem sido alvo da ambição dos civilizados. Os incentivos fiscais concedidos aos proprietários de terras na região da "Amazônia Legal" deram origem a uma especulação desenfreada com o território da tribo. O Ministério do Interior foi obrigado a expropriar os 1.200 mil hectares e declará-los reserva da União. Agora, a FUNAI verifica o número exato de beíços-de-pau e calcula a área de que eles necessitam para viver.

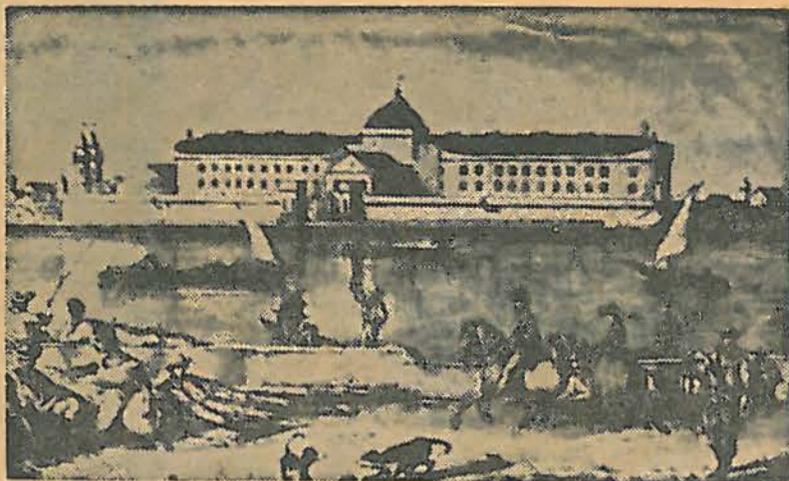
VIERAM, VIRAM E QUEREM VOLTAR

Enquanto o governo decide a sorte dos Tapaiúna, os dois jovens índios, Tariri e Kairá, fartos da curiosidade popular nas ruas do Rio de Janeiro e saudosos de sua selva e de sua gente, já querem voltar.

Já passearam muito; fizeram compras nas feiras (raiz de mandioca, principalmente), participaram de programas de televisão e tiveram audiência especial com o Ministro do Interior, Sr. Costa Cavalcanti. O mar, entretanto, foi uma das coisas que mais os entusiasmou. Nunca tinham visto "água tão grande". (AJB).

Eu sou o narrador frio, sereno, que tem pela fantasia o mesmo temor que Mário Sette pela História. Fernando Pio ocupa quase o meio termo. Vale-se muito da imaginação para recompor os quadros mas também se abeira, posto que muito cautelosamente, da História.

Mário Melo



Lendo o livro do Fernando Pio chegamos a entender várias coisas do espírito do recifense, inclusive aquêle de falar da vida de seus semelhantes. Nesta cidade nada se passa escondido, sem que o povo não saiba, ninguém vem nos falar mas todos comentam.

É também nos jornais que vamos encontrar anúncios como este:

Roga-se a quem foi no armazem da rua do Encantamento, n. 11, buscar um bahú e favor de restituí-lo pois já se sabe que foi por traficância que isto fêz, porquanto o bahú não era seu.

Os anúncios se sucedem, mas nós podemos avaliar quantos comentários eles proporcionavam, se os de nossos dias já dão até notícia internacional, como há pouco noticiou o Diário da Noite.

GRANDES EPISÓDIOS

Os grandes acontecimentos têm um espaço reservado no livro do Fernando Pio e é através dele que o leitor tomará conhecimento da inauguração numa noite de 1888, o Prado da Madalena inclusive os nomes dos cavalos do primeiro páreo: Pery, Vador, Pouilla, Pedra Mole, Tupinambá, Macaco e até um Abolicionista.

No mês de maio de 1888 a febre por corridas de cavalos era tanta que Delmiro Gouveia veio a inaugurar o Derby Club de Pernambuco e, poucos meses depois, surgia o Hypódromo de Campo Grande.

Até os grandes acontecimentos cívico-políticos são descritos, em um estilo próprio, como é o caso do primeiro telegrama sobre a proclamação da abolição da escravatura, entregue a José Mariano Carneiro da Cunha no Prado da Madalena, onde assistia às corridas daquele dia.

Os capoeiras que, no nosso entender, foram os principais precursores de nosso frêvo de rua têm também um capítulo à parte no livro de Fernando Pio, que, com uma riqueza de imagem que lhe é peculiar, descreve os principais encontros entre os grupos do "Quarto" e "Hespanha", incentivados pelas bandas de música do 140. Regimento de Infantaria e da Guarda Nacional, esta sob a batuta do espanhol Pedro Garrido.

Os episódios políticos — antecédidos dos mesmos boatos de hoje em dia — são contados com base no noticiário dos jornais da época, como é o caso da deposição do Barão de Contendas pelo general Ourique Jacques, em 18 de dezembro de 1891, com o tiroteio entre as tropas do Exército e da Polícia que veio a produzir, segundo o noticiário da época, "uma honrosa carnificina. Não foi possível, entretanto saber-se qual o número dos vitimados, pois os vencedores tudo fizeram para ocultar e velar a prova cruenta".

A chegada de Carlos Gomes, em 20 de junho de 1892, é contada com todas as particularidades, inclusive os festejos e os versos do estudante Joaquim Ribeiro Gonçalves e os fuxicos da época, que afirmavam que o grande maestro havia se naturalizado italiano. Recife, é sempre Recife até o espírito falastrão de nosso povo continua o mesmo, pouco importando que os anos passem.

COSTUMES CASEIROS

As festas de Igrejas, com suas beatas vestindo sala-balão, de pano tecido aos quadriños, lenço passado em redor da cabeça, de nó amarrado no queixo, a serem apulpadas pela rapaziada da Faculdade de Direito que as de-

nomavam de "Mulher de Timão", são também contadas nas crônicas do Fernando Pio.

O mesmo acontece com o São João, com seus usos costumes e gulosas próprias, o mesmo acontecendo com as sortes, as danças, os festejos, as fogueiras e as novenas. Mas noticiário da imprensa coeva também está presente.

Na noite de São João voltavam umas mulheres do banho na praia do Pilar quando um buscapé entrou por baixo da sala de uma delas

Seria assim o noticiário da página de polícia de então, um pouquinho diferente do de hoje.

Os casamentos, como também os namoros e noivados, têm o seu espaço reservado. Até os comentários da imprensa, com as colunas De janela em janela e É com isto que mamãe se dána, serviram para atralhar os namoros de então. A cama de casal deveria ser arrumada, no dia do casamento, por uma senhora bem casada e a lista de nomes, para se escolher uma, vivia de mão em mão.

Assim é o livro do Fernando Pio, publicado em 1935, e agora recebe uma segunda edição do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação, que tem a frente o professor Orlando Parahym. Da antiga edição não se conhece nem uma dezena de exemplares, mas esta nova vem suprir os desejos de todos aqueles interessados pelo nosso passado.

Lendo os seus capítulos vemos que no espírito de seu povo o Recife não mudou nada, continua com os mesmos vícios, fuxicos e tradições.